

São algumas amostras apenas do muito valor e interesse da obra agora editada. Com ela, os autores e editor enriqueceram o conhecimento colectivo da memória nacional e trouxeram para mais perto de nós a lição do carácter exemplar presente na arte de ser português que o Padre Fernando Oliveira cultivou.

Luís Machado de Abreu  
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

*DESCRIÇÃO da cidade de Viseu: suas antiguidades e cousas notáveis que contém em si e seu Bispado, composta por um Natural.* Edição e estudo literário de Sara Augusto. Viseu: Câmara Municipal, 2002. 228 p.

O período filipino foi fértil no aparecimento de poemas épicos de inspiração patriótica influenciados de perto pel' *Os Lusíadas*. Entre eles, conta-se a *Descrição da cidade de Viseu. Suas antiguidades e cousas notáveis que contém em si e seu Bispado, composta por um Natural*, poema épico escrito em 1638 por João de Pavia, depositado na secção dos reservados da Biblioteca Nacional com o nº 10622, e dado à estampa em 2002 sob os auspícios da Câmara Municipal de Viseu, numa edição cuidadosamente preparada por Sara Augusto.

De João de Pavia sabe-se apenas o que ele próprio nos relata no prólogo da sua obra: era um nobre natural de Viseu, cavaleiro da Ordem de Cristo e fidalgo da casa real, que se tornou ermitão e penitente "por certos *disgostos* que teve" (cf. p. 25). O canto épico que dedicou à sua cidade natal manteve-se inédito até, agora, ser transcrito por Sara Augusto, que actualizou o texto segundo rigorosos critérios e o enriqueceu com esclarecedoras notas, de modo a torná-lo acessível a um público não especializado. A sua edição é precedida por uma introdução, na qual esta mesma Autora faz o estudo literário do poema e a respectiva contextualização, permitindo-nos avaliar a importância desta *Descrição da cidade de Viseu* no conjunto da produção épica do século XVII e enquanto fonte para o conhecimento de múltiplos aspectos da história viseense.

Através deste estudo ficamos a saber que o poema, composto por dez cantos em oitava rima, segue os cânones das epopeias e apresenta algumas deficiências no tocante à versificação, à rima e ao esquema métrico. Os dois primeiros cantos são dedicados à descrição de Viseu e dos seus arrabaldes do ponto de vista geográfico e monumental, narrando-se também neles lendas e fábulas relacionadas com a cidade, de entre as quais destacamos a da vida e morte de S. Frei Gil e algumas tentativas de explicação da Cava de Viriato, da qual o manuscrito inclui uma curiosa e importante planta datável, segundo parece, do século XVIII. Os cantos III a VIII apresentam os bispos da cidade até 1638, traçando as principais linhas de força de actuação e personalidade de cada um dos prelados. Finalmente, os dois últimos cantos são consagrados à história de dois irmãos naturais de Viseu, o jesuíta Bernardo Pereira e o agostinho Rodrigo de Almeida.

Neste poema, "os eventos e os sujeitos são personagens de uma extensa narrativa cujos últimos fins ultrapassam o simples valor documental, uma vez que, submetidos à criatividade e imaginação de João de Pavia, fortemente condicionado por modelos literários, estéticos e religiosos, oferecem uma visão do homem e do mundo seiscentista" (cf. p. 18). Tal visão reflecte a mundividência intelectual e literária barroca, alicerçada no espírito da Contra-Reforma, que passa a ser mais bem conhecida através desta obra épica.

A edição do poema da *Descrição da cidade de Viseu* de João de Pavia é, com toda a certeza, um acto de cultura e um excelente exemplo do que pode e deve ser feito no campo da publicação criteriosa de textos literários inéditos, tal como do conjunto das fontes arquivísticas, as quais, como aqueles, fazem parte do nosso património escrito colectivo, que é urgente preservar, editar e estudar.

*Maria do Rosário Barbosa Morujão*

CUNHA, Mafalda Ferin – *Persuasão e deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*. Lisboa: FCG; FCT/MCES, 2002. 542 p.

A literatura religiosa e de espiritualidade que circulou e foi elaborada em Portugal nos séculos XVI a XVIII tem sido, desde há várias décadas, objecto de estudo reiterado – embora nem sempre sistemático – por parte de historiadores da cultura e da literatura. Para além dos trabalhos fundadores de Maria de Lurdes Belchior Pontes, de Robert Ricard, de Eugénio Asensio e de José Sebastião da Silva Dias, nos últimos anos temos vindo a assistir a uma particular renovação desta área de investigação. Assim, hoje começamos já a contar com uma produção significativa de trabalhos sobre esta matéria, realizados em função de perspectivas de análise inovadoras – ligadas às orientações recentes no âmbito da história do livro e da leitura –, que, para além dos conteúdos, temáticas e estruturas deste tipo de escritos, têm dado também uma especial atenção àquelas questões que dizem respeito à circulação das obras de espiritualidade na época moderna, aos diversos «usos» a que obedeciam ou que delas se fazia, e às diversas práticas – de leitura/de escrita – que elas geravam. É nesta perspectiva que, de facto, podem ser enquadrados os estudos de José Adriano de Freitas Carvalho, de Maria Idalina Resina Rodrigues e de Maria Lucília Gonçalves Pires, assim como os de Margarida Vieira Mendes, Maria de Lurdes Correia Fernandes, Pedro Vilas Boas Tavares, Luís Sá Fardilhá e Zulmira Santos, entre outros. As investigações desenvolvidas por estes autores, a maioria deles provenientes do campo dos estudos literários (mas especialmente receptivos às temáticas da história cultural), têm contribuído assim a revalorizar um vasto património literário, que, no entanto, continua ainda a ser bastante ignorado e mal conhecido, sobretudo, no que diz respeito às obras do século XVII.

Neste sentido, e apesar do peso significativo que tradicionalmente se atribuiu a Manuel Bernardes na História da Literatura portuguesa, a produção escrita deste religioso oratoriano, a cavalo entre os séculos XVII e XVIII, também não deixou de ser considerada, até recentemente, de forma incompleta, pois baseada, na maioria dos casos, numa análise parcelar, realizada desde pressupostos que tendiam a sublinhar e a apreciar apenas os aspectos puramente estilísticos da sua escrita, em detrimento da natureza espiritual, religiosa e doutrinadora que a animara. Se esta visão tradicional da crítica literária em torno da obra de Bernardes já fora quebrada pelos trabalhos de Maria Lucília Gonçalves Pires a propósito dos *Exercícios espirituais* do oratoriano, o estudo de Mafalda Ferin Cunha, que constitui a que foi a tese de doutoramento da autora, debruça-se sobre uma outra obra deste autor, a *Nova Floresta* (Lisboa, 1706-28), com o intuito de reavaliar o significado da mesma, em função de perspectivas de análise que permitam situá-la no universo mental e literário em que ela foi elaborada. É assim que, após uma breve apresentação da obra e da sua recepção ao longo do tempo, são analisados os processos retóricos orientados à persuasão que Bernardes utilizou, para, de seguida, abordar as directrizes doutrinárias veiculadas no